

XX Concurso Regional de Contos, Crônicas e Poesias Oscar Bertholdo

Título da obra: A energia que nos move

Pseudônimo do autor: Santiago Zucchini

Modalidade: conto

Categoria: 03

Eu contava 15 ou 16 anos quando a conheci. Não lembro exatamente qual a primeira sensação que ela me despertou, já que eu ainda passava por aquela ópera desvairada de hormônios conflitantes. O certo é que havia algo que a distinguiu de todas as outras meninas: uma espécie de encanto, um ar misterioso...

Mas já chega de sentimentos. Evelyn - esse era o nome dela - tinha se mudado de Santa Catarina para cá com seu pai naquele verão. Uma briga familiar fizera com que seus pais se separassem. Não era de se surpreender, afinal, o casamento deles sempre esteve fadado ao fracasso; o homem da casa era um católico fervoroso, e a mulher, uma militante da contracultura com sérios problemas mentais. Porém, como tudo na vida tem um lado bom (ou talvez não, mas deixe-me continuar), esse ambiente de tensões produziu uma moça incrivelmente imparcial, sem bandeiras e capaz de analisar todas as faces de um problema.

Agora, com o perdão do leitor, voltarei aos meus sentimentos. Essa garota, Evelyn, tinha um olhar que penetrava até a alma. Parecia mais um espírito da natureza do que um ser humano. Não era do tipo que despertaria o interesse dos meus colegas barulhentos, mas havia uma certa sofisticação na maneira como ela agia. Segura de si e dona de uma inteligência aguda, Evelyn sempre fazia comentários ponderados nas aulas e não receava admitir quando não entendia o conteúdo. Na verdade, nunca conheci alguém que conseguisse ignorar os julgamentos alheios de tal modo. Nem mesmo os cacarejos sobre sua magreza vindos de Maria Cândida - que o diabo a leve - abalavam sua serenidade.

Naturalmente, eu, que nasci amaldiçoado com a melancolia dos filósofos, não deixei de notar em mim uma pontada de ânimo quando essa moça enigmática entrou para a minha turma. Embora sempre tão solitário e ensimesmado, senti logo nas primeiras semanas que valeria a pena falar com ela.

Estávamos em uma aula de Física. Por um motivo que me escapa da memória, o professor tinha decidido explicar a Lei da Conservação da Energia para a turma, ainda que não fizesse parte da ementa. Até achava o tema interessante, mas me parecia um tanto óbvio.

Ora, é claro que a energia inicial de um sistema fechado é igual à final! Como alguma coisa, mesmo uma existência sutil como a energia, poderia surgir do nada ou desaparecer? Nada vem do nada, tampouco acaba no nada! Assim, ciente de que dominava o assunto, resolvi escrever um bilhete para Evelyn. "Minha energia não tá se conservando nessa aula." Com uma boa dose de nervosismo, passei-lhe discretamente o papel com meus garranchos. Quando ela leu, vi pelo canto do olho um sorriso irônico aparecer em sua face. "É porque ela tá fugindo pro meio externo.", foi a resposta que recebi. Tenho que admitir que é bastante verdadeira nos padrões da física.

Nós conversamos calorosamente naquela tarde, e assim foi por muitas e muitas tardes. Digo mais: passamos a estudar juntos, comer juntos, ir ao cinema juntos e tudo o que se possa imaginar entre duas almas afeiçoadas. Já não estava tão melancólico. Dei-me conta de como a aluna nova era fascinante. Ela amava literatura russa e música erudita, em especial os corais mágicos de Johann Sebastian Bach. Identificava-se com o estoicismo, pois achava uma imensa tolice investir esforços naquilo que não controlamos. De qualquer forma, estava sempre aberta à pluralidade de ideias e disposta a mudar de opinião quando julgava sensato. No final do ano, percebi o quanto eu tinha mudado desde que a conhecera. Aprendi a encarar a vida sob uma perspectiva totalmente nova, como se pudesse atribuir sentido às coisas deste mundo frio e sem sentido. Porém, chegou um dia em que - quem diria? - comecei a sentir por Evelyn algo um pouco além da admiração e da amizade, se é que me entende... e creio que ela não sentia menos por mim. Mal sabia eu que algo terrível estava prestes a acontecer.

Era 13 de dezembro. Decidi declarar meus sentimentos para ela. Meu coração palpitava violentamente enquanto andava em direção à escola. De todo modo, eu tinha certeza de que tudo daria certo, já que havia ensaiado o discurso diante do espelho do banheiro por três horas seguidas. Notei que estava ligeiramente atrasado quando abri a porta da sala, mas não vi o objeto de minha paixão, que era sempre tão pontual. Em vez disso, percebi uma expressão de espanto por parte de alguns colegas. Outros dentre eles me encaravam com pena, como se pressentissem um intenso sofrimento de minha parte. Olhei para o lado e estranhei a presença da diretora no local, já que quase nunca se prestava a falar com os alunos pessoalmente. De olhos arregalados, ela me conduziu ao lado de fora, mandou-me sentar em um banco e deu-me a notícia fatídica: Evelyn tinha sido assassinada naquela manhã. Fora baleada por sua mãe, que estava bêbada na ocasião e queria se vingar do marido por suas desavenças.

Aquela aula foi cancelada, assim como as poucas aulas que ainda restavam no ano. Calado em meu desespero, voltei para casa com a dor de uma tristeza que sequer era capaz de

imaginar até então. Minhas pernas vacilavam no percurso. Meu olhar vagava confuso de um lado para outro, sem saber em que focar. Não conseguia comer, não conseguia dormir... tudo o que me restava era um poço de aflição do qual eu não fazia ideia de como me livrar.

O Natal daquele ano foi o mais triste da minha vida. Apesar disso, também devo dizer que foi o mais significativo. Depois de uma ceia silenciosa e insossa, dei comigo na cama a buscar qualquer pensamento que me consolasse da tragédia. Foi então que lembrei daquela iluminada aula de Física em que primeiramente interagi com Eve. Eu, que não era dado a pieguices espirituais, pensei em algo concreto que realmente poderia amenizar o meu sofrimento. Cheguei à conclusão de que, mesmo sabendo que nunca mais me encontraria com a garota chamada Evelyn, tudo o que ela havia me ensinado e tudo em que ela me transformara continuaria vivo em mim. Por meu intermédio, esse legado teria influência sobre meus familiares, amigos e conhecidos, que o passariam para a próxima geração, e assim sucessivamente. Essa é a Lei da Conservação da Energia: a carne volta ao pó, mas as ações que praticamos ecoam pela eternidade. Mesmo que nossa vida seja curta e insignificante para o universo, a rigor, ele nunca mais é o mesmo após deixarmos a nossa pequena marca nele. Nada era mais nítido na menina de que falo, pois ela deixava tudo de si em cada coisa que fazia. Enfim, surpreso com as próprias reflexões, percebi que estava sorrindo pela primeira vez desde a perda de minha amada.